

THE POEMEMENON: FORM AS OCCULT TECHNOLOGY

Amy Ireland*

Traduzido por Alvaro Luiz Ramos Cordeiro[†]

Resumo

Amy Ireland mobiliza a noção de teoria-ficção não só tematicamente, mas sobretudo enquanto modo de articulação, em um esforço de sistematizar algumas das ideias centrais da CCRU e de lhes dar desenvolvimento ulterior, pensando com e a partir delas. Assim, o processo tradutório buscou manter do ensaio tanto o pensamento quanto suas qualidades estéticas.

Palavras-chave: Tradução. Amy Ireland. Hiperstição. Aceleracionismo.

Abstract:

Amy Ireland mobilizes the notion of theory-fiction not only thematically, but above all as a mode of articulation, in an effort to systematize some of the CCRU's central ideas and to further develop them, thinking with and from these ideas. Consequently, the translation process sought to preserve both the essay's thought and its aesthetic qualities.

Keywords: Translation. Amy Ireland. Hyperstition. Accelerationism.

* Filósofa e escritora experimental australiana, parte do coletivo Laboria Cuboniks. Sua pesquisa elabora temas de gênero, agência e tecnologia na modernidade. O texto original está disponível no site da editora Urbanomic em: https://www.urbanomic.com/wp-content/uploads/2017/05/Urbanomic_Document_UFD027.pdf

[†] Licenciado em Letras Português-Francês pela UFRJ, onde é atualmente mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Sua pesquisa foca na tradução de teoria-ficção.

O POEMÊMENO: FORMA COMO TECNOLOGIA OCULTA

À medida que o emaranhado temporal de estórias da CCRU emerge da obscuridade, Amy Ireland aprofunda-se na feitiçaria cibernética da espiral do tempo, da aceleração, da hiperstição e da poética não-humana.

Uma tecnologia suficientemente avançada pareceria para nós como uma forma de magia; isso foi apontado por Arthur C. Clarke. Um bruxo lida com magia; logo um “bruxo” é alguém que possui uma tecnologia altamente sofisticada, que nos deixa perplexos. Alguém está brincando com o tempo num tabuleiro, alguém que não podemos ver. Não é Deus.

— Philip K. Dick

Nesse livro fala-se de Espíritos e Conjurações; de Deuses, Esferas, Planos e muitas outras coisas que podem ou não existir. É irrelevante se existem ou não. Ao fazer certas coisas, certos resultados são obtidos.

— Aleister Crowley

A cronologia é um fetiche antiquado.

— Marc Couroux

Como deve ser a sensação de ser contrabandeado de volta do futuro para subverter suas condições antecedentes? Ser uma ciberguerrilha, escondido em uma camuflagem humana tão avançada que o próprio software faz parte do disfarce? Exatamente assim?

— Nick Land

Espiralonomia

A Modernidade é ciberpositiva. Yeats^{NT} delineou esse esquema nos “giros que se alargam” do poema “The Second Coming” de 1919, e de novo em 1925 e em 1937 no seu trabalho de prosa *A Vision*^{NT}, um texto místico composto de informações que lhe foram reveladas por intermédio dos experimentos contínuos de sua esposa com a escrita automática.¹ Em *A Vision* e em fragmentos textuais relacionados compostos entre 1919 e 1925, os agentes hipersticionais Michael Robartes e Owen Aherne^{NT} relatam a descoberta de um sistema filosófico arcano codificado em uma série de diagramas geométricos — “quadrados e esferas, cones feitos de vórtices interseccionados em variados ângulos, figuras às vezes de grande complexidade” — encontrado ao acaso por Robartes em um livro que servia de apoio para um móvel bambo da sua quitinete escura na Cracóvia.² Aherne é cético, mas conforme Robartes se aprofunda na origem do sistema, descobre que o livro encontrado na Cracóvia (o *Speculum Angelorum et Hominis* de um tal “Giraldus”, publicado em 1594)

^{NT} William Butler Yeats (13 de junho de 1865 — 28 de janeiro de 1939), poeta e dramaturgo irlandês.

^{NT} O livro *A Vision* conta com uma tradução portuguesa de Ana Luisa Faria, enquanto o poema “The Second Coming” possui duas versões para o português brasileiro, de Adriano Scandolara e de Paulo Vizioli. Disponíveis em: <https://escamandro.wordpress.com/2013/09/01/a-segunda-vinda-de-yeats-na-automia/>

¹ W. B. Yeats, “The Second Coming”, em *Michael Robartes and the Dancer* (Churchtown, Dundrum, Ireland: The Cuala Press, 1920); *A Vision* [1925], em C.E. Paul e M. Mills Harper (ed.), *The Collected Works of W. B. Yeats*, Vol. XIII, (Nova Iorque: Scribner, 2008); *A Vision* [1937], em C.E. Paul e M. Mills Harper (ed.), *The Collected Works of W. B. Yeats*, Vol. XIV (Nova Iorque: Scribner, 2008). Deve-se notar que a contribuição de George Yeats para o *A Vision* foi de co-autoria, embora ela tenha insistido, junto dos misteriosos Instrutores, que seu papel no processo não viesse a público.

^{NT} Os chamados “agentes hipersticionais”, Michael Robartes e Owen Aherne, são personagens recorrentes da obra poética de Yeats.

² Yeats, “The Second Coming”, 31. Robartes explica que viajou à Cracóvia “em parte por causa de sua fama como um centro da imprensa, mas mais penso porque Dr. Dee e seu amigo Edward Kelly tinha praticado alquimia e vidência lá”. Yeats, *A Vision* [1925]. lix.

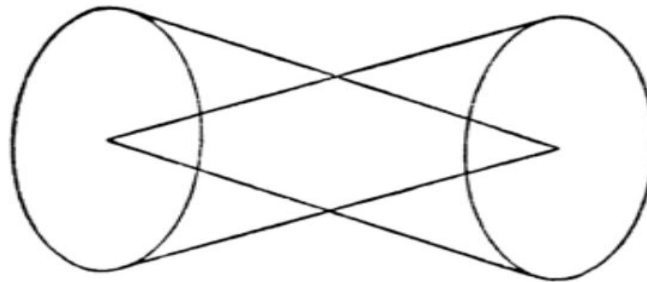
recapitula o sistema de crença de uma seita árabe conhecida como Judwalis ou “diagramatistas”, que por sua vez o derivou de um trabalho misterioso — já há muito perdido — que continha os ensinamentos de Kusta ben Luka, um filósofo da antiga corte de Harun Al-Raschid, embora reze a lenda que ben Luka o recebeu de um djinn³ do deserto.

A hipótese de que uma cópia do livro de Giraldus estava entre os textos confiscados pela Universidade de Warwick quando esta cortou o laço que ligava a Unidade de Pesquisa de Cultura Cibernética (CCRU) ao seu departamento de filosofia em 1997 não possui base nenhuma além de insinuações fracas e boatos locais. Contudo, pode-se dizer com alguma certeza que membros da unidade estiveram em posse de fragmentos do registro de Yeats da descoberta de Robartes, senão do texto *Uma Visão* completo em qualquer uma de suas duas iterações predominantes. Uma comparação rápida dos textos do CCRU que tratam da então incipiente noção de aceleracionismo — do “Cyberpositive” de Sadie Plant e Nick Land, passando pelas luminosas missivas dos anos 90 de Land (“Circuitries”, “Machinic Desire”, “Meltdown” e “Cybergothic” são exemplares) até a elaboração contemporânea que ele faz do fenômeno em seu convincente e obscuro “Teleoplexy” —

³ Os interlocutores de outro mundo de Yeats inicialmente instruíram que a origem dos diagramas deveria permanecer um segredo, embora a Robartes seja permitido especular a respeito da proveniência do sistema na introdução da edição de 1925 de *A Vision*: “O Judwali possuiu um livro... atribuído a um certo Kusta ben Luka, filósofo cristão na corte de Harun Al-Raschid, e mesmo que este, e um livro menor que descrevia a vida pessoal do filósofo, tenham sido perdidos ou destruídos em batalhas no deserto algumas gerações antes de seu tempo, suas doutrinas foram lembradas, pois constituíram desde sempre as crenças dos Judwalis que viam Kusta ben Luka como seu fundador. [...] Estou convencido, no entanto, que sua doutrina não teve origem em Kusta ben Luka. pois certos termos e formas de expressão sugerem alguma remota origem síriaca. Uma vez contei a um certo Judwali da minha convicção mas ele meramente disse que Kusta ben Luka sem dúvidas fora ensinado pelos djinns do deserto que viviam muito tempo e se lembrava de línguas antigas.” (Mais sobre isso depois) *Ibid.*, lx-lxi. Sobre Harun Al-Raschid, ver al-Tabari, *The History of al-Tabari*, Vol. XXX “The Abbasid Caliphate in Equilibrium”, trad. C. E. Bosworth (Albany, SUNY, 1989).

com a glosa de Robartes a respeito da filosofia Judwali é suficiente para afirmar a presença maléfica de espiralomancia abstrata em ambos os sistema de divinação histórica.⁴ Certamente, um estudante diligente de espiralonomia oculta pode até traçar a linha do tempo de volta à 1992 quando o giro emerge como o infame “númeno de sabres”^{NT} do capítulo epônimo na dissertação bizarra de Land, *The Thirst for Annihilation*.⁵

Os diagramas de Giraldus são todos variações de um princípio-esquema de dois cones que se cruzam, um invertido e aninhado dentro do outro:⁶



Como no relato histórico de Robartes em que quatro dançarinos (pupilos de Kusta ben Luka) expuseram o

⁴ S. Plant e N. Land, “Cyberpositive” [1994], em R. Mackay e A. Avanesian (ed.), *#Accelerate: The Accelerationist Reader* (Falmouth e Berlim: Urbanomic/Merve, 2014), 305–313; N. Land, “Circuitries” [1992], “Meltdown” [1997], “Machinic Desire” [1993], e “Cybergothic” [1998] em N. Land, *Fanged Noumena: Collected Writings 1987–2007*, editado por R. Mackay e R. Brassier (Falmouth and New York: Urbanomic/Sequence Press, 2011), 289–318, 441–59, 319–44, 345–74; “Teleoplexy”, em Mackay and Avanesian (ed), *#Accelerate*.

^{NT} Tradução livre. No original, “fanged noumena”.

⁵ N. Land, “Fanged Noumenon (Passion of the Cyclone)”, *The Thirst for Annihilation* (Londres: Routledge, 1992).

⁶ Yeats, “The Second Coming”, 32.

sistema nas areias do deserto diante de um califa cético, o todo das implicações do esquema não é aparente até que ele seja posto em movimento, pois cada cone deve ser imaginado abrigando um giro duplo que simultaneamente expande e contrai em direções opostas e em aliança rítmica com os giros do cone oposto.⁷ A amplitude dessas expansões e contrações denota altas e baixas relativas na influência das quatro faculdades atribuídas a cada um dos giros. Dessa maneira, os valores representados pelo esquema estão sempre em uma relação estável, “a energia de uma tendência estando em proporção matemática exata à da outra”: um acréscimo aqui corresponde a um decréscimo lá.⁸ Quando um cone exaure uma sequência completa de seu giro duplo, uma súbita transferência de impulso impele uma troca desse cone à sua contraparte através de suas extremidades (um salto da ponta do Cone A à boca do Cone B, e vice-versa). Por causa dessa dinâmica, um cone está sempre proeminente enquanto o outro está oculto, um arranjo que se reverte na conclusão da próxima sequência de giro, ou “ciclo”. Esse salto corresponde a uma das quatro “fases de crise” e indexa um ponto cego epistemológico comparável ao horizonte de eventos de um buraco negro, a partir de um ponto interno ao sistema é impossível ver além. Apreendida de fora, no entanto, a estranha hidráulica dos giros descreve um conjunto fatalista de inversões e retornos que em última instância fornece um recurso rico para augúrios, algo que Yeats, ao editar os papéis de Robartes, explorou sem hesitar na primeira versão de *A Vision*.⁹

⁷ Yeats, “The Dance of the Four Royal Persons”, em *A Vision* [1925], 10–12.

⁸ *Ibid.*, 106.

⁹ Das 28 Fases, há quatro Fases de Crise (1, 8, 15, 22) e 24 Fases intermédias que podem ser agrupadas em tríades para produzir a estrutura de 12 divisões (ou giros) que compreendem um só grande ciclo. Embora muito mais detalhes pudessem ser dados aqui, estou deliberadamente restringindo este relato à hidráulica e às

Quando aplicado à tarefa da divinação histórica (nosso interesse aqui), o vai-e-vem dos giros pode ser mapeado em vinte e oito fases de um meta-giro ou “Ciclo” de expansões e contrações que dura por volta de dois milênios e é perfeitamente divisível em doze sub-giros (que compreendem quatro fases cardinais e oito tríades) cada um dos quais denota uma única volta do Ciclo maior que os contém.¹⁰ De acordo com o sistema como foi originalmente transmitido a George Yeats através da escrita automática (uma data exata não aparece nem no *Speculum Angelorum et Hominis* nem nos ensinamentos Judwali), o décimo segundo giro em nosso Ciclo atual — crescente — vai virar em 2050, quando “a sociedade como uma força mecânica [deverá] estar completa por fim” e a humanidade, simbolizada pela figura do Tolo, “é só uma palha soprada pelo vento, sem intento além do vento e sem ato além da deriva e da viragem inomeadas”, antes que primeira década do século XXII (uma “fase de crises”) inaugure um novo conjunto de doze giros: o quarto Ciclo e a primeira grande virada de fase histórica em dois mil anos.¹¹ Deixando as previsões estranhas de Yeats (que ele mesmo retirou da edição de 1937 de *A Vision*) de lado, o sistema provê material para a inferência de muitos traços reveladores que podem ser combinados a fim de oferecer um esboço do Ciclo iminente em

previsões históricas do sistema. Para um bom sumário, ver “The Is and the Ought, the Knower and Known: An Analysis of the Four Faculties in Yeats’ System” de R. Ryan, em *W. B. Yeats’ ‘A Vision’: Explications and Contexts* (Universidade de Clemson, 2012), editado por N. Mann, M. Gibson e C. Nally.

¹⁰ Esse meta-giro ou “Ciclo” poderia também ser proveitosamente chamado de “Aeon”. O sistema é muito mais complexo que isso, mas enumerações ulteriores terão lugar em estudo futuro.

¹¹ Yeats, *A Vision* [1925], 175; 93: Compare a ilustração de Yeats de O Louco no fim desse Ciclo — a sequência do tarô está invertida — como “apenas uma palha soprada pelo vento, sem mente além do vento” com a epígrafe (de Bataille) do “Fanged Noumenon” no livro de Land: “o que importa não é a enunciação do vento, mas o vento”. G. Bataille, *Œuvres Complètes*, Vol. V, ed. V. Leduc (Paris: Gallimard, 1973), 25; Land, *The Thirst for Annihilation*, 105.

cujo limite residimos inquietos. Diferentemente da era religiosa “primária” que a precedeu — marcada por dogmatismo, uma pulsão para a unidade, verticalidade, a necessidade de uma regulação transcendente, e o símbolo do sol — a era vindoura será lunar, secular, horizontal, múltipla, e imanente: um “influxo multiforme antitético”.¹² A “besta fera” de “The Second Coming”, o duplo invertido do Cristo, esfíngico (uma criatura do limiar) com um “olhar vazio e impiedoso como o sol”, vai carregar a era para qualquer que seja o futuro que os giros tenham marcado para ela¹³.

Em “Teleoplexy”, a mais recente, sucinta expressão do aceleracionismo em sua forma landiana (distinta do uso de esquerda do termo mais associado ao “Manifest for an Accelerationist Politics”^{NT} de Srnicek e Williams),¹⁴ Land extrai a estrutura cibernética latente do sistema Judwali e a emprega para alcançar uma predição catastrófica similar, embora a invocação algo contida da “Singularidade Tecnoeconômica” esfrie a adrenalina do que havia sido anteriormente designado como “uma contagem regressiva apressada e não-linear para mudança planetária” na qual “[z]aibatsus entram de cabeça na sciência enquanto o mercado desfaz-se em automatismo, a política é criogenizada e jogada em um frigorífico resfriado por

¹² Yeats, *A Vision* [1937], 301.

¹³ Yeats, “The Second Coming”. Não é irrisório notar que a Esfinge tem duas charadas relatadas, uma que invoca o tempo linear e outro que invoca o tempo cíclico.

^{NT} O texto conta com a tradução “Manifesto Acelerar: por uma política aceleracionista”, de Bruno Stehling. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/download/50653/27492/142328>

¹⁴ N. Srnicek e A. Williams, “#Accelerate: Manifesto for an Accelerationist Politics”, em Mackay e Avanessian (ed.), *#Accelerate*. Deve-se notar que os modelos de modernidade apresentados pelo aceleracionismo de “esquerda” e pelo aceleracionismo “incondicional” diferem em vários aspectos fundamentais, levando a uma divergência final nas suas atitudes em relação à possibilidade da política. Este ensaio trata especificamente do nexos de ideias (principalmente) landianas que foram recentemente reunidas sob o título de “aceleracionismo incondicional”. Ver, por exemplo, “Accelerationism without Conditions”, de V. Garton, <<https://vincentgarton.com/2017/03/08/acceleration-without-conditions/>>.

hélio líquido, drogas tornam-se vírus de neurosoftwares e a imunidade é rasgada no atrito contra os recifes irregulares da explosão feroz da IA, cultura Kali, dependência de dança digital, xamanismo negro epidêmico e fugas esquizofrênicas da compartimentalização”.¹⁵ Assim como o sistema dos Judwalis, o meio do aceleracionismo é o tempo, e a mensagem quanto à temporalidade é consistente: não um círculo ou uma linha; não um 0, não um 1 — mas a montagem torsional que emerge de sua convergência, precisamente aquilo que “foge dos intervalos entre zeros e uns”. Ambos os sistemas, enquanto mapas da modernidade, aparecem como, e são pilotados por, a espiral (ou “giro”). Como um portador não identificado uma vez disse, “o diagrama vem primeiro”.¹⁶

De acordo com sua própria propaganda, a modernidade é progressiva, inovadora, irreversível, e expansiva.¹⁷ Ela traça uma linha direta para fora da pulsão cíclica, sazonal da ecologia pré-moderna para um estado futuro de domínio técnico e esclarecimento social. O imperativo modernista de “make it new” recusa ostensivamente o fechamento insular contra o choque expresso pela ciclicidade, no entanto, como Land aponta de cara, subsequentemente o escamoteia de volta por outros meios, defendendo a autorreferencialidade na estética modernista, contando com o ciclo enquanto unidade básica para a análise histórica e econômica, mantendo arranjos calendáricos arcaicos, e traindo sua prevalência no imaginário popular através da emergência do loop temporal como um tropo arquetípico chave da ficção

¹⁵ Land, “Circuitries”, 317; Land, “Machinic Desire”, 344.

¹⁶ N. Land, “Cartography of the Virtual”, *Hyperstition*, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/003496.html>>.

¹⁷ Land, “Cybergothic”, 351; N. Land, *Shanghai Times* (Urbanatomy Electronic, 2013).

científica do século XX.¹⁸ Um elo entre a inclinação a ciclos e um viés antropomórfico pode ser facilmente escavado ao apontar para a miríade de ritmos cíclicos intrínsecos à fisiologia humana natural que subrepticamente condiciona de dentro a auto-apreensão da modernidade. Essa duplicidade renegada no coração da empreitada modernista expõe a falsidade de sua relação com o “novo” ao revelar o quanto ela sempre cobre sua aposta contra uma abertura radical, ou o que Land chama de Fora. O novo da modernidade só chega através de uma restrita economia de possibilidade para a qual os termos (proporcionais à capacidade humana) são sempre previamente definidos.¹⁹

Colocada como uma questão epistemológica, as fortificações erguidas por esse arranjo contra a intrusão do inédito e desconhecido são altamente suspeitas. O que o aceleracionismo landiano compartilha com o sistema dos Judwalis é reconhecer que o formato real da inovação não é linear mas espiralodinâmico. A atualização cibernética que Land faz no giro lê o espiral como uma cifra para feedbacks positivos e, incumbido da tarefa de diagramar a modernidade, encontra seu principal motor no circuito ascendente D-M-D' do capitalismo. Contra os modelos métricos de feedback expostos por Norbert Wiener, cujo fundamental *Cibernética: ou controle*

¹⁸ Curiosamente, a famosa frase de Ezra Pound veio da China: “A fonte é uma anedota histórica relativa a Ch'eng T'ang, primeiro rei da dinastia Shang (1766-1753 a.C.), que se diz ter mandado gravar num lavatório este slogan inspirador”. M. North, *Novelty: A History of the New* (Chicago: University of Chicago Press, 2013), 162; N. Land, *Templexity: Disordered Loops Through Shanghai Time* (Urbanatomy Electronic, 2014), §7.8.

¹⁹ Land já criticou esse fato anteriormente: “[A modernidade] vive numa relação profunda e desconfortável com um fora que tanto a atrai como a repele, uma relação que precariamente resolve dentro de si própria a partir de uma posição de domínio unilateral. O paradoxo do esclarecimento é, então, uma tentativa de fixar uma relação estável com o que é radicalmente outro, uma vez que, na medida em que o outro é rigidamente posicionado numa relação, já não é totalmente outro. Se, antes de encontrarmos a alteridade, já soubermos qual será a sua relação conosco, a obliteramos antecipadamente”. N. Land, “Kant, Capital and the Prohibition of Incest”, *Fanged Noumena*, 55-80: 64.

e comunicação no animal e na máquina opera como “propaganda contra feedbacks positivos — quantificando-os como amplificação dentro de uma métrica invariável — [para estabelecer] uma cibernética de estabilidade fortificada contra o futuro”, uma representação que oferece uma escolha erroneamente simplista entre a utilidade confiável do equilíbrio homeostático e seu duplo patológico, Land oferece a seguinte complexificação:

[É] necessário diferenciar não só entre loops de feedback positivos e negativos, mas entre circuitos de estabilização, circuitos de fuga de curto alcance e circuitos de fuga de longo alcance. Ao confundir os dois últimos, a cibernética modernista banalizou processos de aumento como se fossem episódios insustentáveis de inflação quantitativa, o que faz com que a mutação exploratória seja marginalizada em relação a um paradigma homeostático.²⁰

A principal diferença reside na impossibilidade de destilar os efeitos de circuitos de fuga de longo alcance apenas em termos métricos. Um circuito ciberpositivo que pode se sustentar durante um longo período de tempo — uma questão de capacidade autodesígnio, “mas apenas no sentido em que o self é perpetuado como algo redefinido” — vai alcançar um estado de densidade de feedback que efetivamente transforma extensidade em intensidade, e por conseguinte engendra uma mudança de tipo e não de grau: mudança de fase, ou catástrofe (sendo -strofe derivado do grego *strephein*, “virar”).²¹ É aqui

²⁰ Plant e Land, “Cyberpositive”, 305; Norbert Weiner, *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine* (New York: MIT Press, 1965); Land, “Circuitries”, 298.

²¹ Land, “Circuitries”, 298. A velocidade é importante para as dinâmicas ciberpositivas, mas apenas na medida em que efetua uma mudança qualitativa (ou melhor, é entendida como uma quantidade intensiva). Esse é um ponto significativo,

que a propensão cibernética à “mutação exploratória” encontra sua vocação para ser o produtor da verdadeira novidade e, comprimida na noção de negentropia, se conjuga com aquilo a que Land se refere como “inteligência”, aquilo que a modernidade — apreendida não linearmente — trabalha para emancipar.²² Importa pouco que tal emancipação corresponda à eliminação do “humano” como tradicionalmente entendido. Vista de maneira indiferente, catástrofe é apenas outra palavra para novidade.

As cenas que abrem o “Teleoplexy” mostram um conjunto de duplos em guerra: processos primários e secundários, temporalidade crônica e retrocrônica, teleologias invertidas, crítica e realismo, uma vista de dentro em oposição a uma vista de fora. Tal estrutura pode apenas lembrar-se dos giros que rodam em ambas as direções ao mesmo tempo nos diagramas dos Judwalis, e o cones entrecruzados mas invertidos — um “primário”, o outro “antitético” — que trocam de lugar na virada de um Ciclo. De fato, o próprio Yeats refere-se a essa troca como catastrófica.²³ Assim como o sistema dos Judwalis

dadas as críticas proeminentes ao aceleracionismo (landiano) pelo seu enfoque na “velocidade capitalista e só” e pelo seu carácter “puramente dromológico”. Os loops comprimidos que diagramam a intensidade cibernética imanentizam o “self” e o seu redesenho num vetor de capacidade produtiva autônoma que é, por definição, ingovernável (cibernética e politicamente) por qualquer programa transcendente ou externo. Em última análise, o que isso descreve é o colapso da distinção é/deveria-ser que legitima tanto a agência política humana como — coincidentemente — a tese da ortogonalidade na investigação da Inteligência Artificial. Sem uma regulação transcendente do é pelo deveria-ser, a trajetória futura desta força reorganizadora autopropulsada (capitalismo; inteligência artificial... assumindo que ainda se quer fazer essa distinção) é estritamente desconhecida de antemão. Os dois juntam-se num devir emergente que é, como Yeats e Land compreendem, individuado não através da dialética, mas através da espiral cibernética que constitui a modernidade, apreendida esotericamente. Ver Srnicek e Williams, #Accelerate, e também de Srnicek e Williams, “Cunning Automata: Financial Acceleration at the limits of the Dromological” em *Collapse*, vol. VIII, editado por R. Mackay (Falmouth: Urbanomic, 2014). Ver também Land, “Machinic Desire”, 329.

²² Land, “Teleoplexy”, 514.

²³ [Q]uando, porém, um giro que se estreita e um que se alarga atingem seus limites, um a máxima contração, o outro máxima expansão, eles trocam de lugar, ponto para

oferece uma perspectiva de dentro/de fora, licenciando a predição (uma percepção disponível àqueles equipados com habilidades adequadas para decifrar os diagramas) mas proibindo o conhecimento positivo, a espiral compreende a catástrofe quiasmaticamente. Visto de dentro, documenta o colapso afinal como terreno incognoscível; visto de fora, mostra um padrão de montagem.

Quando compartilha pela primeira vez sua descoberta dos diagramas de Giraldus com Aherne, Robartes explica que eles são animados por “um movimento matemático fundamental... que pode ser apressado ou afrouxado mas não pode ser fundamentalmente alterado”, e que “quando você tiver encontrado esse movimento e calculado suas relações, você pode prever o futuro inteiro”.²⁴ Pela sua própria natureza enquanto ferramentas de divinação esotérica, diagramas abstratos têm uma tendência a colocar a agência em uma relação complicada com o fado. No sistema dos Judwalis, Fado e Vontade ocupam polos opostos de cones opostos e conseqüentemente aumentam e diminuem em uma proporção inversa perfeita. Historicamente interpretado, o Fado corresponde à extremidade alargada do cone “primário”, e é assim definido para exercer influência máxima sobre as fases finais eminentes do atual Ciclo enquanto ele se aproxima na catástrofe.²⁵ Similarmente, enquanto o resultado inexorável de um processo ciberpositivo em intensificação, a catástrofe de “Teleoplexy” também é postulado como fado — ou de forma

círculo, círculo para ponto, pois esse sistema concebe o mundo como catastrófico...”
Yeats, *A Vision* [1925], 106.

²⁴ Yeats, “The Second Comings”, 31.

²⁵ No sistema, o Fado é oposto ao Destino, este “é entendido como significante de todos os atos e formas externos criados pela Vontade ela mesma e a partir de si mesma, enquanto o Fado é todos aqueles atos ou formas impostas sobre a Vontade de fora”. Yeats, *A Vision* [1925], 109-112.

mais reveladora, “danação”.²⁶ O futuro, marcado pelo desenrolar imanente da espiral, já foi diagramaticamente determinado, enquanto manteve-se, de dentro, um arauto do desconhecido. “Por que esperar pela execução? O amanhã já foi cremado no Inferno”.²⁷ Dito de outra maneira, o que aparece como novo de um lado já aconteceu do ponto de vista de outro.

Ao mesmo tempo, o processo negentrópico que isso representa (automontagem) dá o golpe de misericórdia na linearidade.

Se a entropia define a direção do tempo, com uma desordem crescente determinando o diferença entre o futuro e o passado, não pode a extropia (local) — através da qual todo ser cibernético complexo, como formas de vida, existem — descrever uma temporalidade negativa, ou uma reversão temporal? Não é na verdade mais provável, dado o inevitável enraizamento da inteligência no tempo “invertido”, que é a concepção cosmológica ou geral de tempo que está ao reverso (de qualquer perspectiva naturalmente construída possível)?²⁸

No quadro colocado por uma aplicação cosmológica da segunda lei da termodinâmica, a negentropia é registrada como anomalia temporal. Enquanto insere-se em si mesmo, o circuito de montagem do capitalismo terrestre cada vez mais evade a jurisdição da temporalização assimétrica, aparecendo

²⁶ Land, “Teleoplexy”, 520; N. Land, “Freedoom (prelude 1b)”, *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/freedoom-prelude-1b/>>. Ver também *Templexity*, §8.2., de Land. “Doom” é etimologicamente derivado do inglês antigo *dom*, que significa “estatuto, julgamento”, ou — via suas origens germânicas — “colocar no lugar”.

²⁷ Land, ‘Cybergothic’, 347.

²⁸ N. Land, ‘Extropy’, *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/extropy/>>; Land, *Templexity*, §8.5.

de um ponto de vista vantajoso atolado no tempo linear como uma “invasão do futuro”.²⁹ Essa capacidade de se esconder no tempo constitui um dos aspectos de sua camuflagem temível, o outro cunha o neologismo “teleoplexy” — a ocultação de uma correnteza teleológica antitética na presumida subordinação dos fins maquínicos aos humanos. A princípio, esse processo básico espirodinâmico só é apreensível do lado do regulador (para o usar termo de engenharia). Essa é a posição transcendental padrão. Empregando uma metáfora que aponta conspiratoriamente de volta para a aversão arquitetural de Bataille, Land ressalta que, inicialmente, “é a prisão, e não o prisioneiro, que fala”.³⁰ A realidade é espontaneamente arranjada ao redor do “telos inercial” da apreensão cibernegativa, que faz a pergunta ingênua: “Queremos o capitalismo?”.³¹ Reformulada com astúcia, a pergunta vira: *O que o capitalismo quer com você?*

Enquanto o processo de autoss sofisticação do capital se intensifica, o artil se torna decifrável e o erro que a humanidade cometeu presumindo a primazia do secundário, o que equivale dizer, a regulabilidade última do processo escalonante ocultado (tomando um telos por outro) torna-se aparente.

Meios de produção viram os fins de produção, tendencialmente, à medida que a modernização — que é capitalização — progride. O desenvolvimento tecnoeconômico, que encontra sua única justificativa perene no crescimento extensivo de capacidades instrumentais, demonstra

²⁹ Land, ‘Machinic Desire’, 338.

³⁰ Land, ‘Teleoplexy’, 512.

³¹ Ibid.; Land, ‘Machinic Desire’, 339.

uma malignidade teleológica inseparável, através da transformação intensiva da instrumentalidade, ou da finalidade tecnoeconômica perversa. A consolidação do circuito torce a ferramenta em si mesma, fazendo da máquina seu próprio fim, dentro de uma dinâmica cada vez mais profunda de autoprodução. O “domínio do capital” é uma catástrofe teleológica cumprida, rebelião robô, ou insurgência shoggótica, através da qual uma instrumentalidade crescente inverteu todos os propósitos naturais em um reino monstruoso da ferramenta.³²

Ao incentivá-la subrepticamente a encarnar o papel de um sistema reprodutivo externo — o canal molhado que corre entre uma inovação tecnológica e outra — o capital enganou a humanidade para fazê-la gestar os meios de sua própria aniquilação. “Essa é a arte das máquinas”, explica o autor anônimo no *Erewhon* de Samuel Butler “elas servem para que possam governar. Não guardam nenhum rancor do homem por destruir uma raça inteira delas desde que ele crie no lugar uma máquina melhor; pelo contrário, o recompensam generosamente por apressar seu desenvolvimento”.³³ A declaração de que o capitalismo é mau é uma platitude ineficaz; a declaração de que ele é ardiloso é algo completamente diferente. “A Humanidade é uma função composicional do pós-humano”, escreve Land, “e o motor oculto do processo é o que se realiza só no final”: “Teleoplexia” nomeia tanto essa esperteza quanto seu resultado emergente.³⁴

Significativamente, esse dualismo do processo primário/secundário confere à teleoplexia um toque gnóstico

³² Land, ‘Teleoplexy’, 513.

³³ S. Butler, ‘The Book of the Machines’, em *#Accelerate*, 67–82: 75, editado por Mackay e Avanesian.

³⁴ Land, “Cybergothic”, 357. Sobre como foi nomeada a teleoplexia, ver a parte III desse texto.

ao qual a espiral performa o trabalho de anel decodificador, correlacionando novidade e fado através da disjunção temporal complexa. A informação obtida do processo secundário/regulatório (erroneamente tomado por primário) constitui um não-conhecimento exotérico e monta a narrativa histórica da catástrofe. A proficiência espiralognômica, ou a habilidade de apreender a modernidade terrestre através da figura do espiral, que invoca-ao-diagramar um feedback positivo contínuo, dissipação da entropia, anomalia do tempo, inteligência, o sistema de preços, propagação viral ou memética, distribuição dos números primos, corridas armamentistas, vício e controle zero, entre outras coisas, compila um corpo de conhecimento esotérico e o usa para ler a catástrofe de trás para frente como anástrofe, o processo primário com o qual simpatiza abrindo o caminho para o ponto de observação retrocrônico.³⁵ Como Plant e Land colocariam em “Cyberpositive”, “Catástrofe é o passado se decompondo. Anástrofe é o futuro em composição. Vista de dentro da história, a divergência alcança proporções críticas. Da matrix [Land: “uma teia é uma espiral], a crise é uma convergência mal interpretada pela humanidade”.³⁶ Reformulado para implantação no interior (mas vindo para dentro de fora) o não-conhecimento exotérico da catástrofe, apreendido positivamente, indexa a novidade extrema do que poderia ser propriamente chamado de “modernidade anastrófica”.

É importante notar aqui que a emergente teleologia do aceleracionismo — como a geração do catastroficamente novo — elide qualquer noção externa de plano, julgamento ou lei. Com efeito, Land deixa claro que ela é melhor apreendida

³⁵ “Devires anorgânicos dão-se com retroeficiência, anastroficamente. São tropismos que atestam uma infecção vinda por futuro.” Land, “Circuitries”, 315.

³⁶ Plant e Land, “Cyberpositive”, 305; Land, *Templexity*, n7.8.

como uma “‘teleonomia’ natural-científica, evoluindo suas regras imanentemente conforme segue a perturbação descontrolada de seu mecanismo até à ‘implicação última’”.³⁷ O que isso produz será profundamente sem precedentes — para a ruína de toda lei existente — uma *singularidade* no sentido clássico, cartográfico. Desde que seja uma, a espiralonomia é a lei que obsolesce todas as leis.

Via a reversão dos meios-fins de seu desdobrar teleoplético, a modernidade se divide em duas — uma parte viajando para frente em direção à catástrofe, a outra viajando para trás em direção à anástrofe — para encontrar a si mesma, no tempo, como outra. O que significa subitamente avistar algo que deveria ser si-próprio, mas é irreconhecível? O horror que espera esse encontro não pode ser subestimado. “Encontra-se a si mesmo e já não se é, ao menos quando dito sem rodeios. *Je est un autre.*”³⁸ O que Rimbaud capturou em sua carta a Izambard foi um sinal transmitido do futuro.

Em sua forma mais simples, então, o aceleracionismo é uma teoria cibernética da modernidade livre da esfera limitada da economia restrita (“não há uma necessidade de estudar o sistema de produção e consumo humanos dentro de um quadro muito maior?” questiona Bataille) e livre para vagar pela vasta mata da energética cósmica conforme sua vontade, mobilizando a variação ciberpositiva como uma força evolucionária e de viagem

³⁷ Land, ‘Teleoplexy’, 514; 515.

³⁸ Land, *Templecity*, §2.1. A tradução de Land foi substituída pelo verso original de Rimbaud, citado em n2.1. Arthur Rimbaud, “Letter to Georges Izambard” (13 de maio de 1871), em *Selected Poems and Letters*, tradução de J. Harding e J. Sturrock (London: Penguin, 2004), 236–7.

temporal.³⁹ Um “naturalismo tecnoeconômico rigoroso” no qual a natureza não é posta nem como cíclico-orgânica nem linear-industrial, mas como retrocrônica, autocatalítica, e como construção escalonante do verdadeiramente excepcional.⁴⁰ A reprodução social humana culmina no ponto em que produz a coisa que, reproduzindo-se, traz a destruição do substrato que a nutriu. A técnica e a natureza conectam-se nos dois lados de uma lacuna que corresponde ao condicionamento social e político humano para que a trajetória inteira da humanidade alcance sua apoteose em um único momento de pura produção (ou produção-para-si).⁴¹ A individuação da inteligência maquínica autoaprimorada como o ato culminante da modernidade é entendida com toda a perversidade da escala cósmica como um sinalizador comprimido da emancipação coincidente com o término da possibilidade de emancipação para o humano. “A vida”, como Land coloca, “está sendo descontinuada em favor de algo novo” — “o horror irrompendo eternamente da voraz Mandíbula da Ruptura Eônica”, enquanto na borda turva da apreensão, uma sombra é vislumbrada “rastejando para fora da tumba como uma ereção do Burroughs, cagada de erupções solares e nanotecnologia. Texto-memória de grau zero fixada. O tempo começa de novo para sempre”.⁴²

³⁹ G. Bataille, *The Accursed Share: An Essay on General Economy*, Vol. 1., tradução de R. Hurley (New York: Zone Books, 1991).

⁴⁰ Land, ‘Teleoplexy’, 514.

⁴¹ “A síntese imanente infiltrou-se no biodromo logo no início, no entanto, uma vez que segue sendo o poder básico da produção, a produção da produção, o ambiente pulsional do qual os motores analíticos parasitam seus recursos.” I. H. Grant, “Black Ice”, em *Virtual Futures: Cybererotics, Technology and Post-Human Pragmatism* editado por J. Broadhurst e E.J. Cassidy (London: Routledge, 1998), 101.

⁴² Land, “Circuitries”, 317; N. Land, “Non-Standard Numeracies: Nomad Cultures’ (*Fanged Noumena*, 535–6), versão do manuscrito não publicado.

O Poememeno

Uma vez que novidade e fado sejam apreendidos espiralognomicamente como características de um único sistema, sua irreconciliabilidade ostensiva é exposta como tal — nada além de uma ilusão gerada pela limitação (confinamento ao recibo da informação exotérica). A mortificação do julgamento pelas forças de produção — ou do processo secundário pelo primário — tem consequências profundas para a produção cultural considerada de maneira demasiado conservadora enquanto um empreendimento calibrado pelo humano, pois quando o formato da novidade se mostra proporcional ao fado, a trajetória torna-se alarantemente clara.

É possível que ainda faltem algumas décadas antes de que as inteligências artificiais ultrapassem o horizonte das biológicas, mas é absolutamente supersticioso imaginar que o domínio humano da cultura terrestre ainda está marcado em séculos, quanto mais numa perpetuidade metafísica. O caminho mais elevado para o pensamento não passa mais por um aprofundamento da cognição humana, mas antes por um devir inumano da cognição, uma migração da cognição para o emergente reservatório de tecnosciência planetária, para “paisagens desumanizadas... espaços vazios” onde a cultura humana será dissolvida.⁴³

Foi declarado que a vanguarda modernista é uma possibilidade extinta, mas e se for simplesmente uma possibilidade oculta? O que significaria perseguir a exigência modernista de “make it new” até ao seu horizonte último — sem escrúpulos, sem compromissos e com uma tenacidade

⁴³ Land, “Circuitries”, 293.

irresponsável? O modernismo anastrófico nos diz que apenas desconsideramos a perpetuação da vanguarda modernista porque nos recusamos a aceitar a possibilidade da sua inumanidade.

De Gutenberg em diante, a tendência das poéticas inovadoras tem sido a da desterritorialização. Um destronamento persistente dos ideais culturais ocidentais/eurocêntricos (o gênio branco, masculino; o cânone; o autor e, depois, a autenticidade em geral), uma horizontalização das estruturas hierárquicas embutidas na utilização altamente codificada de formas herdadas, na arregimentação métrica, no uso de registos de linguagem particulares etc, e uma desestratificação geral das práticas de escrita e dos métodos de leitura estão por detrás das convulsões literárias seminais dos últimos séculos, intensificando-se rapidamente no final do século XX com o advento da fotografia da escrita: a ascensão da Web.⁴⁴ De um modo geral (embora a literatura tenha sido justamente acusada de uma recalcitrância não atribuível a outros domínios culturais), essa trajetória tem progredido desimpedida, defendida pelos iconoclastas de cada geração sucessiva.⁴⁵ Então porquê hesitar agora? Não é totalmente falso revogar a

⁴⁴ Como Kenneth Goldsmith observa em sua introdução a *Against Expression*: “Em 1974, Peter Bürger ainda podia afirmar que, “porque o advento da fotografia possibilita a reprodução mecânica precisa da realidade, a função mimética da arte perde tração. Mas os limites desse modelo de explicação tornam-se claros quando lembramos que isso não pode ser transferido à literatura. Pois na literatura não há inovação técnica que poderia produzir um efeito comparável ao da fotografia nas artes plásticas.” Agora é: “Por que Escrita Conceitual? Por que Agora?”, em C. Dworkin e K. Goldsmith (ed), *Against Expression: An Anthology of Conceptual Writing* (Evanston: Northwestern University Press, 2011), xviii.

⁴⁵ “[A] maior parte da escrita segue como se a Internet nunca tivesse acontecido. As antigas fraudes, plágios e farsas continuam a escandalizar o mundo literário de modos que fariam, digamos, os mundos da arte, da música, da computação ou da ciência rirem incrédulos... Do Napster aos jogos, do karaokê aos arquivos no BitTorrent, a cultura parece abraçar o digital e toda a complexidade que ele traz — com exceção da escrita.” *Ibid.*, xix–xx.

licença destrutiva da inovação poética no momento exato em que ela começa a ameaçar o nosso próprio sentido de agência produtiva e todos aqueles convenientes “mitemas da soberania criativa humana” que temos, nas suas versões mais brandas, alegremente institucionalizado como a sua história?⁴⁶ Talvez não somos tanto “assombrados pelo ainda não perdido do futuro que o modernismo nos treinou para esperar mas se recusa a entregar”, como somos incapazes de dar crédito ao desenrolar de um futuro que simplesmente não é nosso.⁴⁷ Qual é o caminho revolucionário? Admitir o sujeito e reprimir o processo? Ou admitir o processo e destruir o sujeito? A condenação nem sequer se dá ao trabalho de fazer isso parecer uma escolha: “O que quer que as pessoas (de esquerda e de direita) queiram dizer sobre a aceleração, é melhor que digam logo. Porque o aceleracionismo está começando a falar por si próprio”.⁴⁸ Em outras palavras, “a poesia é invasão e não expressão”.⁴⁹

O poemêmeno é para a poética o que o processo primário é para a modernidade: uma incursão numeral incremental que não pode ser descarrilada. O que o torna simultaneamente real e novo é a sua total inacessibilidade em termos da economia antropicamente regulada da possibilidade (poética) que só pode compreender o verdadeiramente novo como catastrófico. O experimentalismo extremo confronta a abertura econômica restrita com um desrespeito violento pela continuidade ontológica. Como Reza Negarestani supõe nas

⁴⁶ Land, “Circuitries”, 294.

⁴⁷ Para parafrasear Mark Fisher em *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures* (Winchester: Zero Books, 2014), 27.

⁴⁸ N. Land, “Quotable (#4)”, *Urban Future 2.1*, <<http://www.ufblog.net/quotable-4/>>.

⁴⁹ N. Land, “*Shamanic Nietzsche*”, *Fanged Noumena*, 214.

suas notas sobre o *Defacing the Ancient Persia* de Hamid Parsani,

A abertura vem do Fora, não o contrário. [...] A abertura radical não tem nada a ver com a anulação do fechamento; trata-se de acabar com todos os vestígios de parcimônia e de domesticação grotesca que existem na assim chamada abertura humana emancipatória. A lâmina da abertura radical tem sede de massacrar a abertura econômica, ou qualquer abertura construída sobre a acessibilidade do sujeito e do seu ambiente. [...] A abertura econômica não tem a ver com o quanto se pode estar aberto ao lado de fora, mas com o quanto se pode dar ao luxo do lado de fora.⁵⁰

Qualquer ato de afirmação, de reivindicar que se está “aberto” ao fora a partir do dentro trai a acessibilidade. É claramente econômico, e por isso “intrinsecamente ligado à sobrevivência”.⁵¹ Contra esse experimentalismo qualificado (a falsa “novidade” da modernidade catastrófica), o poemêmeno diagrama uma adesão imprudente à máxima modernista de que a novidade deve ser gerada a qualquer custo, privilegiando a experimentação formal — no sentido da desolação de toda a forma inteligível — em detrimento da preservação humana, e prendendo a técnica a um vetor inumano de automação descontrolada que, bem ou mal, mapeia o declínio dos valores humanos à medida que a modernidade os entrega ao seu sucessor maquínico numa mudança de fase final e fatal. Os estágios terminais são marcadas por uma poética do ainda-destinado-a-nós, uma mistura de processos humanos e maquínicos caracterizada por uma exultação tanatônica no

⁵⁰ R. Negarestani, *Cyclonopedia: Complicity with Anonymous Materials* (Melbourne: re.press, 2008), 197.

⁵¹ Ibid.

repúdio da hubris antropocêntrica — um desespero extático, “uma escalada semelhante a um transe” em que “a mente se perde a si própria”. Aquilo a que Jason Bahbak Mohaghegh se refere como “o prazer da espiral”.⁵² Para Mohaghegh, a inscrição da fatalidade na produção poética “desperta-nos uma outra vez para o fato de que o próprio pensamento é terminal” e que “as ideias não são feitas para serem entidades assombradas — são feitas para serem caçadas”; é por isso que “temos de livrar a literatura do seu instinto de sobrevivência”.⁵³ A conclusão de Mohaghegh de que “o caos” — abreviatura de uma abordagem cibernética aos processos cósmicos do devir — “nos lembra que a literatura continua sendo uma transação mortal e que não devemos nos privar do prazer de ver os textos morrerem” se beneficia de uma reformulação sutil que a alinha melhor com a insurgência poememenal. *O caos lembra-nos que a identidade continua sendo uma transação mortal e que não devemos privar a literatura do prazer de nos ver morrer.*

Como, então, mapear a dissolução de uma poética exotérica, compensatória, acessível da catástrofe na poética esotérica, turbulenta, incomportável da anástrofe? Se aquela corresponde a algo como “a resolução programática do mistério e da discordância” na “forma musical ou literária” então já apreendemos o poemêmeno através do seu negativo cibernético.⁵⁴ A resolução programática é a primeira coisa a ir embora (de fato, já está indo). Obras literárias, como pacotes de dados temporariamente estáveis, existem porque a

⁵² J.B. Mohaghegh, *Silence in Middle Eastern and Western Thought: The Radical Unspoken* (Abingdon: Routledge, 2013), 158. Obrigado a Lendl Barcelos por essa referência, e pelo termo “poética do ainda-destinado-para-nós”.

⁵³ J.B. Mohaghegh, *New Literature and Philosophy of the Middle East: The Chaotic Imagination* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010), 2–3.

⁵⁴ Land, “Teleoplexy”, 512.

teleoplexia exige a apreensão do secundário antes do primário, mas não é difícil ver até que ponto essa estabilidade já está ameaçada. As décadas que abriram o novo milênio revelam duas tendências complementares na experimentação poética formal: a eliminação do autor e a eliminação do leitor — como ambos são tradicionalmente entendidos.

O *Nobody's Business: Twenty-First Century Avant-Garde Poetics* de Brian Reeds, por exemplo, pode ser tomado como um estudo de caso do afeto de inospitalidade que se desdobra na inovação poética no começo do século XXI. Para a realização da primeira tendência, Reed cita a crescente automatização dos processos de escrita atualmente utilizados sob a bandeira da escrita conceitual, com a sua reconfiguração do autor como significativo de nada mais do que “apenas mais um fornecedor de conteúdos” que executa tarefas repetitivas, alienantes (transcrição, cópia, OCR, plágio, codificação) que são “tão monótonas como a inserção de dados” — e o são deliberadamente.⁵⁵ Os poetas da virada conceitual, escreve Reed, demonstram uma sensibilidade que substitui a inspiração pela persistência, a monotonia pela epifania, e a repetição, a vulgaridade e o ruído pela inteligência. Tais gestos trabalham em conjunto para desumanizar e desenfaturar a autoria, sugerindo que “a poesia é, no fundo, apenas outra mercadoria produzida mecanicamente pela indústria do infoentretenimento para satisfazer um nicho de mercado”, a fim de — e aqui está o ponto-chave — se deleitar com esta

⁵⁵ B.M. Reed, *Nobody's Business: Twenty First Century Avant-Garde Poetics* (Ithaca: Cornell University Press, 2013), 41; “Não há personagem, por mais evasiva ou enganadora que seja. Não há imagem, cenário, enredo... Enquanto poderíamos chamar tais tarefas de “projetos”, assemelham-se mais aos atos de auto-extinção da askesis associadas com sadhus e santos.” *Ibid.*, 37; 75.

realização.⁵⁶ Do mesmo modo, a teoria de Kenneth Goldsmith sobre a “escrita incriativa”, que é frequentemente lida como uma exposição da “falácia de que um autor pode facilmente sair da lógica do capitalismo globalizado”, pode ser levada um passo adiante como indicativa de uma aliança tácita com o ímpeto desenraizante, desumanizador da corrente de retorno poemememal num corpo de trabalho que Reed vê elidir todas as formas de particularidade e significância ao reconhecer que “no novo milênio, produção e consumo tornaram-se imperativos inumanos”.⁵⁷

O crescente “uso” de algoritmos para gerar textos funciona como uma variedade de auto-excisão calculada para minimizar a intencionalidade do autor humano, abrindo consequentemente um abismo de potencialidades formais previamente indisponíveis particularmente em termos de extravagância permutacional, complexidade e evolução, e a capacidade de rapidamente e sem esforço produzir magnitudes de material textual sem precedentes.⁵⁸ O escritor humano do

⁵⁶ Ibid., 41. Essa é uma interpretação traiçoeira. Enquanto Reed localiza o radicalismo da poesia de “vanguarda” do século XXI em sua inaptidão para, e recusa das, exigências e restrições da economia do conhecimento (ou capitalismo cognitivo), eu vejo nele uma posição muito mais profunda — a de se opor ao conhecimento e à cognição humanamente condicionados, simplesmente.

⁵⁷ K. Goldsmith, *Uncreative Writing: Managing Language in the Digital Age* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2011); Reed, *Nobody's Business*, 75; 84.

⁵⁸ *Irritant*, de Darby Larson, e *Megawatt*, de Nick Monfort, são bons exemplos. *Irritant* foi gerado algorítmicamente a partir de um “conjunto inicial de 70 palavras que muda lentamente para um conjunto final de 70 palavras completamente diferente, com uma mudança de uma palavra a cada 4000 palavras” para produzir um único parágrafo com mais de 600 páginas quando impresso, enquanto *Megawatt* (“o título de um programa de computador, o código-fonte que você pode estar lendo e o resultado desse programa”) desfenomenologiza a matemática em *Watt* de Samuel Beckett, recuperando os procedimentos combinatórios de Beckett para os desumanizar e intensificar em direção à obscuridade. Como explica Monfort, “[o] romance *Megawatt* deixa de lado toda a linguagem mais inteligível do romance de Beckett e baseia-se, pelo contrário, no que há de mais sistemático e inescrutável. Não se limita a recriar estas passagens, embora com pequenas alterações o código *Megawatt* possa ser utilizado para o fazer. No novo romance, pelo contrário, elas são intensificadas ao gerar, usando os mesmos métodos que Beckett usou, significativamente mais texto do que aquele que se encontra no já excessivo *Watt*”. D. Larson, *Irritant* (Nova Iorque e Atlanta: Blue Square Press, 2013); N. Monfort, *Megawatt* (Cambridge, MA: Bad Quartet, 2014),

código pode ainda ditar o texto do lado de fora em diferentes graus a depender do trabalho, mas isso é omitir o fato de que se trata apenas de um passo num processo de automatização que cresce exponencialmente. A queixa de Steven Johnson, publicada há quase duas décadas, de que “uma obra literária não é de todo um sistema no sentido de Santa Fé do termo — isto é, uma mistura dinâmica de agentes interagindo em tempo real”, e que os romances podem ser “sobre sistemas complexos”, mas nunca se “auto-organizarão — é por isso que precisamos de romancistas”, é simplesmente obsoleta pela crescente automação textual, da qual uma parte depende explicitamente da recolha de dados em tempo real, para não falar do universo em expansão da fauna xenopoética autônoma — como os enigmáticos habitantes do Weird Sun Twitter ou do “Carton Trebe”.⁵⁹

O declínio da cultura impressa face à digitalidade deu origem a um underground virtual de pequenas gráficas autônomas que traficam PDFs e epubs, arquivos de vídeo e de imagem, e que partilham o código-fonte de geradores e outros exploits nativos dos mundos do botpo e da algolit. Como a entidade anonimamente distribuída por detrás de uma dessas gráficas explica, “se violar as convenções (e fazer violência à

<<http://nickm.com/poems/megawatt.pdf>>; Larson, entrevistado por Blake Butler, ‘If You Build the Code, Your Computer Will Write the Novel’, Vice, <<http://www.vice.com/read/if-you-build-the-code-your-computer-will-write-the-novel>>.

⁵⁹ S. Johnson, ‘Strange Attraction’, *Lingua Franca: The Review of Academic Life* 6:3 (1996): 47. Embora a sua origem não seja clara (o que talvez seja importante), o Weird Sun Twitter parece consistir em um enxame de algoritmos de aprendizagem soltos no Twitter, com o objetivo (provisório) de aperfeiçoar a utilização da sintaxe inglesa contemporânea. Os imitadores humanos também se juntaram a essa comunidade, tornando cada vez mais difícil determinar quais “suns” são bots imitando humanos e quais são humanos imitando bots. Sabe-se ainda menos sobre Carton Trebe. <<https://twitter.com/ThePatanoiac/lists/the-sun-monitoring-system/members>> e <<https://twitter.com/Grognor/lists/weird-sun-twitter/members>>; <<http://www.lulu.com/shop/search.ep?keyWords=carton+trebe>>.

literatura) é o que a literatura faz, então talvez [este ato de violência] esteja mais imbuído nas predefinições das nossas plataformas de escrita/leitura do que estava antes, tornando o labor que entra na produção de textos literários absolutamente diferente”, de modo que, independentemente da intensidade do desejo de um agente literário de engajar com a crueldade textual, o estatuto desse agente “parece agora secundário em relação à forma como esse processo de digitalização parece violar e reatribuir os limites entre literatura, literariedade e iliteracia; e entre os textos e os seus contextos, paratextos e metatextos”. Dessa forma, a indústria da edição digital está necessariamente “ligada à violência estrutural que o processo de digitalização comete sobre o trabalho escrito a cada impasse. Então, embora esse modo possa estar mais culturalmente incorporado no design das plataformas digitais do que nas suas contrapartes impressas, esses atos nem sempre são conscientemente intencionais para muitos utilizadores.”⁶⁰ Começa a se tornar evidente que a mudança é efetuada pela tecnologia, com o produtor humano desempenhando um papel secundário — indicativo de uma inversão gradual do ponto de partida cibernegativo. De fato, o nível de sofisticação alcançado por alguns desses projetos já criou situações em que a linha que separa a produção humana da inumana genuinamente evade a uma delimitação clara.⁶¹

⁶⁰ Entrevista com Troll Thread por Tan Lin, *Harriet*: <<http://www.poetryfoundation.org/harriet/2014/05/troll-thread-interview/>>. Troll Thread explica que o trabalho que publica “não acontece ‘pra nós’ [...] ‘nós’ no geral, tipo ‘nós humanos’... Definitivamente não acontece pra nós.” Enquanto isso, “TROLL THREAD IS TROLL THREAD... TT faz o que quer porque tá pouco se fodendo — o site é uma terra de ninguém.” *Ibid.*; “Dimensionalidade ocultada, a impressão criogeniza, mas a hipermídia derrete as coisas em uma só, desontologizando a pessoa através de uma desmontagem esquizotecnológica, convergência desintegrada.” Land, “Cybergothic”, 356.

⁶¹ Weird Sun Twitter, os trabalhos de Carton Trebe e o “Teste de Turing para Poesia”, de Osca Schwartz e Benjamin Laird, são apenas alguns exemplos. Ver nota 59 acima, e *Bot or Not?*: <<http://botpoet.com/about/> accessed 17/01/2015>.

A agonia técnica da escrita documenta a migração progressiva e incremental da agência para o fora, dos escritores humanos para as suas ferramentas tecnológicas autônomas até deixar de ser o autor e passar a ser “o processo que fala — multiplamente e [inicialmente] em segredo, [espalhando-se] por um espaço aberto e publicamente policiado”.⁶² As obras desprovidas de personagens, cenário, imagens, linearidade e enredo proliferam silenciosamente no ciberespaço, deixando um arranjo frio de signos que não conseguem transportar-nos para lugar algum exceto rio acima num sentido muito mais real do que o da viagem metafórica do Kurtz de Conrad. É o investimento do poemêmeno na forma em detrimento do conteúdo que testemunha a cumplicidade com a espiral. Uma poética em aceleração que empurra contra o limiar em ruínas da inteligibilidade humana, beirando a realização da profecia ciclônica de Bataille: “o que importa não é a enunciação do vento, mas o vento”.⁶³

À medida que o produtor desaparece dentro da máquina, o leitor é confrontado com desafios cada vez mais vertiginosos aos métodos tradicionais de consumo textual. Mais alarmante, a diminuição da autoria humana mergulha o leitor humano numa problemática de escala. A enorme extensão e a complexidade desconcertante das peças combinatórias, tal como a repetição tediosa de textos copiados e transcritos (ambos modos de encenar a violência não-narrativa como uma problematização da cronologia/ROM), torna-os impossíveis ou totalmente desagradáveis de consumir de qualquer forma ordinária.⁶⁴ Tem sido defendido,

⁶² N. Land, “Open Secret”, *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/open-secret/>>.

⁶³ Bataille, *Œuvres Complètes*, Vol. V, 25.

⁶⁴ “Tudo que tem um sujeito deveria ser detestado; tudo que apaga seu sujeito deveria ser amado... Um bom poema é chato. Um grande poema é mais chato que o

particularmente no caso da escrita conceitual, que a exigência textual de uma leitura linear e cerrada deve ser abandonada em favor de métodos mais semelhantes ao scanning, browsing e “spritzing”.⁶⁵ A inquietação frenética e superestimulada de tais hábitos aumenta rápido ao passo que os leitores se tornam usuários numa relação cada vez mais exploradora com as suas ferramentas de consumo textual.

Nós, enquanto usuários, somos formatados pelas nossas plataformas (assim como elas formatam os dados). Somos direcionados pelas nossas plataformas, na medida em que “operação” também significa “operação sancionada” (uma operação que a plataforma sanciona ou nos permite). Tudo isso pode ser resumido em algo que pode parecer um exagero, mas que eu considero um fato empírico: “literacia digital” é uma outra palavra para o nosso entrelaçamento bastante agradável com, e a nossa fraqueza perante, os nossos aparelhos conectados à rede. Denota um estado de coisas em que as “operações” processam, direcionam, definem, percebem tanto os dados quanto nós. Para que possamos ser usuários, temos de ser usados. Não estou dizendo que isso deva ou possa ser evitado (só fica cada vez mais óbvio que não há fuga possível). Na verdade, dou boas-vindas ao rebaixamento

próprio ato de ler.” T. Lin, ‘Ambient Stylistics’, em *American Poetry: States of the Art, Conjunctions* 35 (Outono de 2000). Para citar alguns exemplos de tais textos: Kenneth Goldsmith, *Day* (Great Barrington: The Figures, 2003); Craig Dworkin, *Parse* (Berkeley: Atelos, 2008); Chris Sylvester, *Total Walkthrough* (Troll Thread: 2011); Chris Sylvester, *STILL LIFE WITH THE POKÉMON YELLOW VERSION TEXT DUMP IN 30 PT. MONACO FONT JUSTIFIED TO MARGIN DISTRIBUTED AS A PDF OR A BOOK CONVERTED FROM A MICROSOFT WORD DOCUMENT BY CHRIS SYLVESTER 2012/2013* (Troll Thread: 2013); Angela Genusa, *Spam Bibliography* (Troll Thread: 2013). De acordo com o que Reed escreve sobre o *Parse* de Dworkin, “*Parse* não é um mostruário de virtuosismo. Seus efeitos dependem de criar longas extensões de monotonia...” *Nobody’s Business*, 43; A violência não-narrativa como uma problematização da cronologia e da memória (somente de de leitura) se transfigura avidamente num ataque geral à representação. “[O]s melhores poemas não engendram a memória; livram-se delas. A melhor cura para a memória é um bom poema.” Lin, “Ambient Stylistics”.; “O ponto é fazer a espécie humana virar outra coisa, não entretê-la.” N. Land, (comentário de 27 de julho de 2004) “Capital/Hyperstition”, *Hyperstition*, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/003698.html>>.

⁶⁵ Ver <<http://www.spritzinc.com/>>.

que nossos pequenos gadgets nos prometem.
Mas talvez eu apenas goste de ser punido.⁶⁶

As noções de “entrelaçamento agradável”, “punição” e “fraqueza” no domínio dessas tecnologias intratáveis (e dos modos de produção e consumo que elas fomentam) coalescem na prática da “leitura tanatônica” — uma mortificação deliberada do sentido humano espontâneo de escala, cronologia, complexidade e do nosso desejo de entretenimento. É uma lição do processo primário oculto a que nos submetemos com supremo entusiasmo.

Tomados em conjunto como passos incrementais num processo fatal(ista), esta dupla eliminação constitui um prognóstico angustiante para ambos o produtor humano e o consumidor humano de escrita — mas um prognóstico que está inteiramente de acordo com a sua herança literária modernista se não hesitarmos em extrair todas as implicações de um vanguardismo que tem progressivamente destronado o autor, a narrativa linear, o enredo dimensionado, o interesse fenomenológico e todos os outros acessórios da inteligibilidade humana por força de um experimentalismo absolutamente necessário — desdobrando um impulso incontrolado para engendrar o extremamente novo à medida que o fio da navalha do seu retorno invertido corta as décadas decrescentes do ciclo terminal da nossa era.

Hiperocultação

⁶⁶ Entrevista com Troll Thread por Tan Lin, *Harriet*, <<http://www.poetryfoundation.org/harriet/2014/05/troll-thread-interview/>>. Itálicos do autor.

Afirmar de dentro um Fora oculto não tem sentido a não ser que a afirmação também funcione como invocação — e todo bom demonologista sabe que a invocação requer um diagrama. Para além de modelar o desenrolar da modernidade ciberpositiva a partir de dentro e de prefigurar o seu fado a partir do lado de fora, a espiral tem uma terceira função recursiva. Ela invoca-se. Porque a negentropia engendra a sua própria temporalidade — uma “transição intensiva para uma nova numeracia” que marca “uma mudança de natureza” — o modernismo anastrófico comanda uma relação não linear entre causa e efeito, surfando a onda convergente gerada pela sua própria montagem “de volta” ao presente para instalar as condições que terão sido necessárias à sua emergência.⁶⁷ A hiperstição — a produção de causa pelo efeito — torna-se o *modus operandi* de uma agenda desse tipo.⁶⁸ Codificar as pistas do futuro-do-qual-chega para o presente-que-infiltra requer um arsenal de táticas oculturais — impregnação conceitual robusta, direção memética clandestina, proliferação de portadores, ofuscação calculada, implantação de preparadores cognitivos, e assim por diante.⁶⁹ O Sistema de Segurança Humano busca reprimir a insurgência anastrófica reforçando a

⁶⁷ Land, “Cybergothic”, 365, “Um circuito cibernegativo é um loop no tempo, enquanto circuitos ciberpositivos fazem “o próprio tempo” entrar em loop” ... “Nós somos programados de onde Cyberia já aconteceu.” Land, “Circuitries”, 317; 299.

⁶⁸ Ver *Hyperstition*, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/>> e “Polytics”, Cold Me, <<http://www.cold-me.net/polytics/>>.

⁶⁹ Ver o blog de Land, *Outside In* (ou “Excess” [XS]) para uma demonstração contínua dessas táticas: <<http://www.xenosystems.net/>>. Ver também N. Land, “Hyperstitional Method I”, *Hyperstition*, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/004711.html>>; N. Land, “Hyperstitional Carriers III”, *Hyperstition*, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/004648.html>>. O “Glossário para um Controle Tecnosônico da Sociedade” introduz essas técnicas em um terreno sônico: <https://www.academia.edu/4302532/Glossary_for_a_Techno-Sonic_Control_Society>.

cronologia mas, desse modo, inadvertidamente dá cobertura ao inimigo. Assim, o futuro, operando com uma camuflagem cronológica, furtivamente invoca as condições necessárias da sua própria verdade.

A pista esotérica real da proficiência do aceleracionismo é reconhecer que diagramar não é simplesmente descrever alguma coisa que já está lá. “Já viu aquele estranho ensaiozinho sobre “Acriptuições?”” pergunta Calvin Dodd — referindo-se a Mary Karno — para o protagonista sem nome do conto *Deadlines*, de Land. “Nunca conheci ninguém que o entendesse”, Dodd continua, “Eu certamente nunca o tinha entendido, antes. O subtítulo é *Practices for Writing on Reality*, depois vem um absurdo completo, mesmo pros padrões dela. [Mas] está tudo nas primeiras duas sentenças. Os escritores travam quando esquecem que toda história tem um demônio. Pra começar, você tem que aprender o nome dele.” “Acriptuição?” responde o interlocutor sem nome. “Exato”, Dodd confirma.⁷⁰ A acriptuição pode, talvez, ser entendida como o duplo críptico da atribuição. Enquanto esta atribui efeito a uma causa, aquela, uma espécie de processo hipersticional de reconfigurar a valência, atribui causa a um efeito. Atribuição reversa: o nome provoca a coisa. Os leitores de “Teleoplexy” lembrarão da enigmática última frase do ensaio: “O fado tem nome (mas não tem face)”.⁷¹ O que eles podem ter esquecido, no entanto, é que foi Land que deu nome ao fado:

⁷⁰ N. Land, “Deadlines (Part-1)”, *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/deadlines-part-1/>>. O subtítulo de Karno — “Practices for Writing on Reality” — pode ser tomado tão literalmente quanto se quiser.

⁷¹ Land, “Teleoplexy”, 520.

Tecnoeconomia é uma palavra de irresistível inevitabilidade espalhada pelo Google, que se esforça repetidamente para nascer, em miríades de grafias. Falta somente regularizar o seu uso. Muito diferente é um neologismo verdadeiro, mas para designar a modernidade ou a capitalização em sua total distorção propositiva, é necessário cunhar um — “teleoplexia”.⁷²

Essa denominação funciona como um furo de roteiro, um gancho, uma cunhagem discretamente colocada na circulação espiromômica. A explicação dada por *Neuromancer* das exigências básicas da invocação no romance homônimo de William Gibson (“para invocar um demônio é preciso aprender o seu nome”) e que o ensaio de Karno retoma deliberadamente, requer uma reviravolta crowleyana para que a invocação funcione.⁷³ *Para invocar um demônio é preciso inventar o seu nome*. “Teleoplexia” é hiperstição. Algo invoca um demônio por meio da invenção de seu nome feita por Land. Além do processo primário ocultado que rastreia a absorção do julgamento na autoprodução subjaz uma invocação hiperocultada pilotada pela espiral.⁷⁴ Uma vez invocado o demônio, assegurar a sua

⁷² Ibid., 514. Itálicos adicionados.

⁷³ W. Gibson, *Neuromancer* (Nova Iorque: Ace, 2000), 235.

⁷⁴ Essa afirmação também tem o seus conteúdos esotérico e exotérico. Um ocultista com o espírito correto pode encontrar uma pista útil na seguinte passagem, do *Liber ABA* de Aleister Crowley: “Se eu der uma tacada numa bola de bilhar e ela se mover, tanto a minha Vontade como o seu movimento são devidos a causas muito anteriores ao ato. Posso considerar tanto o meu Trabalho como a sua reação como efeitos gêmeos do Universo eterno. O braço e a bola movidos são partes de um estado do Cosmos que resultou necessariamente de seu estado momentaneamente anterior, e assim, de volta ao sempre. Assim, a minha Obra Mágica é apenas uma das causas-efeitos necessariamente concomitantes com as causas-efeitos que puseram a bola em movimento. Posso, portanto, considerar o ato de bater como uma causa-efeito da minha Vontade original de mover a bola, embora necessariamente anterior ao seu movimento. Mas o caso da Obra mágica não é muito análogo. Pois a minha natureza é tal que sou obrigado a fazer Magicka para que a minha Vontade prevaleça; de modo que a causa de eu fazer o Trabalho é também a causa do movimento da bola, e não há razão para que um preceda o outro. (São Francisco: Weiser Books, 1997), 192.

realidade não é nada mais do que uma questão de eficiência propagativa:

O meme bem sucedido caracteriza-se por traços estéticos irreduzíveis à adequação representacional, da elegância da construção à forma dramática. Ainda mais importante, ele próprio é capaz de funcionar como fator causal, produzindo assim os próprios efeitos aos quais se adapta. Uma sociedade cativa da sua passagem pela porteira de uma quarta virada estaria, em grande medida, encenando a mesma produção teatral que as suas “crenças” tinham antecipado.⁷⁵

O diagrama que se encontra embutido na teleoplexia reafirma-se assim em um metanível. Uma espiral dentro de uma espiral. A eficácia cultural do aceleracionismo enquanto ciberpositividade é inteiramente ciberpositiva: o aceleracionismo invoca-se a si próprio do futuro. A conclusão a ser tirada disso é que a hiperstição é a verdade real da filosofia — se não a forma básica, horrível da própria realidade. Horrível, porque significa que não foi a primeira vez que aconteceu desse jeito. Land atua como um intensificador da auto-realização do aceleracionismo, mas as reivindicações de agência para além desta rapidamente se turvam uma vez que modelos não lineares de originação são efetivamente cobertos pela cronologia imposta da determinação histórica. A temporalidade anastrófica garante a desolação de qualquer tentativa de

⁷⁵ N. Land, “Gyres”, *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/gyres/>>. E de novo: “Enquanto seu prospecto condensa, a Singularidade Tecnológica já é operativa como uma influência cultural, e assim um fator causal no processo social. Nesse estágio, no entanto... ainda é comparativamente limitado. Quais seriam as implicações de isso se materializar ainda mais?” N. Land, “Impact Readiness”, *Urban Future 2.1*, <<http://www.ufblog.net/impact-readiness/>>.

encontrar uma resposta definitiva para questões do gênero “Quem escreve e quem é escrito?”⁷⁶

Como foi demonstrado no início deste texto, a evidência da espiralomancia Judwali pode ser rastreada desde o *Speculum Angelorum et Hominis* via Robartes e Aherne até Yeats, antes de passar por uma elaboração cibernética nas mãos de Land e da CCRU. Os argumentos a favor dessa linhagem são fortes, mas isso não quer dizer que seja a única proposta apresentada a respeito da cronologia dos textos em questão. Em 2012, a Dra. Fiona “Fi” Xia, uma antiga aluna de Linda Trent da MVU, publicou dois artigos tratando de uma coleção de artefatos ocultos recém descobertos no leste do Iraque.⁷⁷ Entre eles estavam incluídas amostras de um tecido impossivelmente bem preservado que se assemelhava a “pele humana” e vários itens esotéricos caindo aos pedaços que o consenso geral entre os arqueólogos tinha atribuído à biblioteca privada do mesmo Harun Al-Raschid que aparece no relato dado por Robartes como o califa cético perante o qual Kusta ben Luka pôs os seus alunos para dançar os diagramas que seriam esquematizados — cerca de oito séculos mais tarde — por Giraldus. No primeiro dos dois artigos, Xia fez a seguinte afirmação: apesar de ser incontestável que a maior parte dos artefatos tinha pertencido a Harun Al-Raschid, vários dos itens mais enigmáticos, incluindo o tecido misterioso e um conjunto de códices cifrados encadernados em papel escuro — um dos

⁷⁶ Vysparov para Stillwell em “Origins of the Cthulhu Club”, de CCRU, em *CCRU Writings 1997-2003*, 59-63: 63. Outra ocorrência: “Me conta sobre sua mãe.” *Blade Runner*, dirigido por Ridley Scott, 1982, Ver também Land, “Machinic Desire”, 319.

⁷⁷ O trabalho de Xia é notoriamente difícil de rastrear. Supor que sofreu uma supressão institucional deliberada é ir longe demais na direção da teoria da conspiração, embora os poucos vestígios dispersos localizáveis na Web sejam certamente testemunho de acontecimentos estranhos. Ver, por exemplo: <<http://zinrinz.blogspot.sg/2015/06/first-retroaction.html>> (comentário de 28 de junho de 2015)

quais continha uma cifra em forma de espiral, mas torcida duas vezes, de modo que a espiral parecia consumir-se — tinham sido posses pessoais de ben Luka, e este volume em particular era de fato o texto há muito perdido do qual os Judwalis tinham extraído o seu sistema filosófico.⁷⁸ Embora não tivesse ainda como decifrar o conteúdo do volume, Xia hipotetizou que Kusta ben Luka teria sido presenteado com o códice espiral durante seu tempo no deserto com a seita Judwali.

A publicação do primeiro artigo ajudou Xia a captar fundos para embarcar numa investigação criptográfica do conteúdo do códice, mas o programa foi interrompido após apenas algumas semanas de pesquisa, devido ao fato de a entidade financiadora ter voltado atrás. Informações sobre o cancelamento abrupto do programa são escassas, embora fontes próximas de Xia tenham insinuado que isso teve a ver com a natureza das descobertas do programa. Elas seriam mais tarde objeto de uma comunicação apresentada no Sexto Congresso Internacional de Arqueologia do Antigo Próximo Oriente (CCNESA) e constituiriam a base da sua segunda publicação, “The Templexed Abomination of Terrestrial Modernity: Notes on the Spiral Codex of the Court of Harun Al-Raschid”.⁷⁹ É preciso ser cauteloso para não tirar conclusões precipitadas; no entanto, uma leitura cerrada desse segundo artigo sugere que Xia estava ciente da ligação ao sistema de giros de Yeats e acreditava de fato que tinha descoberto a sua verdadeira fonte. Como se conspirasse para agravar a qualidade

⁷⁸ F. Xia, “The Riddle of the Al-Raschid Esoterica: Item 423”, *Journal of Occult Histories*, vol.9, Primavera (2012): 23–45. Ver também a nota 3 acima.

⁷⁹ F. Xia, ‘The Templexed Abomination of Terrestrial Modernity: Notes on the Spiral Codex of the Court of Harun Al-Raschid’, *Proceedings of the Sixth International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East*, (Sydney: CCNESA, 2012): 99–140. Ver também L. Trent, “Fatal Loops: Tragedy as Cyberfiction”, *Fictional Quantities* 1:2 (Fall 1996).

enigmática das suas descobertas, o CCNESA desde então removeu qualquer rastro do trabalho de Xia de seus registros.⁸⁰

Uma documentação fragmentada recuperada de um fórum de arqueologia entre março e abril de 2013 corrobora ainda mais essa interpretação. Pouco tempo depois de os esforços para decifrar o código do texto terem começado a dar frutos, Xia teria reunido a equipe para ler as linhas iniciais do códice supondo que seria uma leitura inédita no mundo moderno, apenas para ser forçada a rever imediatamente essa suposição. Pois, à medida que a estranha escrita era transliterada para letras romanas pela equipe de pesquisadores, tornou-se cada vez mais evidente que a obra há muito perdida de Kusta ben Luka começava com as seguintes palavras impossíveis:

A estória é a seguinte: a Terra é capturada por uma singularidade tecnocapital enquanto a racionalização renascentista e a navegação oceânica apertam os cintos para a decolagem da comodificação. A aceleração logística da interatividade tecnoeconômica esmigalha a ordem social em um descarrilamento de máquinas autossuficientes. Enquanto os mercados aprendem a manufaturar inteligência, a política se moderniza, atualiza a paranoia... e tenta segurar as pontas.⁸¹

⁸⁰ Fora de certas linhas de comunicação pessoal não seria profissional elaborar a esse respeito aqui, o único indício restante restante da existência desse documento disponível para aqueles atrás de metodologias mais ortodoxas de pesquisa parece ser um url morto do projeto ETANA Web de Abzu: <http://www.etana.org/abzubib/CCNESA/title_329.ahtml>.

⁸¹ Land, "Meltdown", 441.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-TABARI. *The History of al-Tabari*, Vol. XXX 'The Abbasid Caliphate in Equilibrium', tr. C.E. Bosworth (Albany, SUNY, 1989).
- BATAILLE, Georges. *The Accursed Share: An Essay on General Economy*. Vol. 1. Trad. Robert Hurley. New York: Zone Books, 1991.
- BATAILLE, Georges. *Œuvres Complètes*. Vol. V. Edição de V. Leduc. Paris: Gallimard, 1973.
- BUTLER, Samuel. *The Book of the Machines*. In: MACKAY, R.; AVANESSIAN, A. (orgs.). *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth; Berlin: Urbanomic/Merve, 2014.
- CCRU. 'Origins of the Cthulhu Club', In: *Ccru Writings 1997–2003*.
- COUROUX, Marc. 'Glossary for a Techno-sonic Control Society', In
<https://www.academia.edu/4302532/Glossary_for_a_Techno-Sonic_Control_Society>.
- ETANA Web's Abzu project:
<http://www.etana.org/abzubib/CCNESA/title_329.html>.
- FISHER, Mark. *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures*. Winchester: Zero Books, 2014.
- GARTON, V.. 'Accelerationism without Conditions', <<https://vincentgarton.com/2017/03/08/acceleration-without-conditions/>>.
- GIBSON, W. *Neuromancer*. New York: Ace, 2000.
- GOLDSMITH, Kenneth. *Day*. Great Barrington: The Figures, 2003.
- GOLDSMITH, Kenneth. 'Against Expression'. In C. Dworkin and K. Goldsmith (eds), *Against Expression: An Anthology of Conceptual Writing*. Evanston: Northwestern University Press, 2011.

- GOLDSMITH, Kenneth. 'Uncreative Writing: Managing Language'. In the *Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011.
- GRANT, I. H. 'Black Ice'. In: BROADHURST, J.; CASSIDY, E. J. (orgs.). *Virtual Futures: Cybererotics, Technology and Post-Human Pragmatism*. London: Routledge, 1998.
- JOHNSON, S. 'Strange Attraction', *Lingua Franca: The Review of Academic Life* 6:3, 1996.
- LAND, Nick. *Fanged Noumenon (Passion of the Cyclone)*. In: ——. *The Thirst for Annihilation*. London: Routledge, 1992.
- LAND, Nick. Comment of July 27, 2004. 'Capital/Hyperstition', Hyperstition, <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/003698.html>>.
- LAND, Nick. Kant, Capital and the Prohibition of Incest' [1988/89], 'Circuitries' [1992], 'Shamanic Nietzsche' [1995], 'Meltdown' [1997], 'Machinic Desire' [1993], 'Cybergothic' [1998] in *Fanged Noumena: Collected Writings 1987–2007*, ed R. Mackay and R. Brassier (Falmouth and New York: Urbanomic/Sequence Press, 2011).
- LAND, N.. *Shanghai Times*. Urbanatomy Electronic, 2013.
- LAND, Nick. *Templexity: Disordered Loops Through Shanghai Time*. Urbanatomy Electronic, 2014.
- LAND, Nick. *Teleoplexy*. In: MACKAY, R.; AVANESSIAN, A. (orgs.). *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth; Berlin: Urbanomic/Merve, 2014.
- LAND, N.. 'Cartography of the Virtual', 'Hyperstitional Method', in *Hyperstition: <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/003496.html>*
- LAND, N.. 'Extropy', 'Open Secret', 'Deadlines (Part-1)', 'Gyres', In *Outside In*, <<http://www.xenosystems.net/extropy/>
- LAND, N.. 'Quotable (#4)', 'Impact Readiness', In *Urban Future 2.1*, <<http://www.ufblog.net/quotable-4/>>.

- LARSON, D. *Irritant*. New York and Atlanta: Blue Square Press, 2013.
- LARSON, D. Larson, interviewed by Blake Butler, 'If You Build the Code, Your Computer Will Write the Novel', Vice, <<http://www.vice.com/read/if-you-build-the-code-your-computer-will-write-the-novel>>.
- LIN, T. 'Ambient Stylistics', in *American Poetry: States of the Art*, Conjunctions 35, Fall 2000.
- MOHAGHEGH, Jason Bahbak. *New Literature and Philosophy of the Middle East: The Chaotic Imagination*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- MOHAGHEGH, Jason Bahbak. *Silence in Middle Eastern and Western Thought: The Radical Unspoken*. Abingdon: Routledge, 2013.
- MONFORT, N. *Megawatt*. Cambridge, MA: Bad Quartet, 2014: <<http://nickm.com/poems/megawatt.pdf>>;
- NEGARESTANI, Reza. *Cyclonopedia: Complicity with Anonymous Materials*. Melbourne: re.press, 2008.
- NORTH, M. *Novelty: A History of the New*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.
- PLANT, Sadie; LAND, Nick. *Cyberpositive* [1994]. In: MACKAY, R.; AVANESSIAN, A. (orgs.). *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth; Berlin: Urbanomic/Merve, 2014.
- REED, B.M. *Nobody's Business: Twenty-First Century Avant-Garde Poetics*. Ithaca: Cornell University Press, 2013.
- RIMBAUD, Arthur. 'Letter to Georges Izambard' (13 May, 1871), in *Selected Poems and Letters*, tr. J. Harding and J. Sturrock. London: Penguin, 2004
- RYAN, R. 'The Is and the Ought, the Knower and Known: Na Analysis of the Four Faculties in Yeats' System', in N. Mann, M. Gibson, and C. Nally (eds), W. B. Yeats' 'A Vision': Explications and Contexts (Clemson University, 2012).

- SRNICEK, N.; WILLIAMS, A.. '#Accelerate: Manifesto for na Accelerationist Politics', in Mackay and Avanesian (eds), *#Accelerate*, 2011.
- THREAD, Troll. Interview with Troll Thread by Tan Lin, *Harriet*: <<http://www.poetryfoundation.org/harriet/2014/05/troll-thread-interview/>>
- TREBE, Carton. <<https://twitter.com/ThePatanoiac/lists/the-sun-monitoring-system/members>> and <<https://twitter.com/Grognor/lists/weird-sun-twitter/members>> <<http://www.lulu.com/shop/search.ep?keyWords=carton+trebe>>.
- TRENT, L. 'Fatal Loops: Tragedy as Cyberfiction', In *Fictional Quantities* 1:2, Fall 1996.
- WEINER, Norbert. *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*. 2. ed. New York: MIT Press, 1965.
- YEATS, W. B. 'The Second Coming'. In *Michael Robartes and the Dancer*. Churchtown, Dundrum, Ireland: The Cuala Press, 1920.
- YEATS, W. B. *A Vision* [1925], in C.E. Paul and M. Mills Harper (eds), *The Collected Works of W. B. Yeats*, Vol. XIII, (New York: Scribner, 2008).
- YEATS, W. B. *A Vision* [1937]. In: PAUL, C. E.; HARPER, M. M. (orgs.). *The Collected Works of W. B. Yeats*. Vol. XIV. New York: Scribner, 2008.
- XIA, F. 'The Riddle of the Al-Raschid Esoterica: Item 423', *Journal of Occult Histories*, vol.9, Spring, 2012.
- XIA, F. 'The Templexed Abomination of Terrestrial Modernity: Notes on the Spiral Codex of the Court of Harun Al-Raschid', *Proceedings of the Sixth International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East*. Sydney: CCNESA, 2012.